



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2025**

Interseccionalidade e cuidado em saúde: experiências de pessoas que vivem com HIV/AIDS

Juliana Thayara Ferreira Bina¹; Marcio Costa de Souza²

1. Juliana Thayara Ferreira Bina, PVIC/UEFS, PSICOLOGIA, e-mail: julianathayara701@gmail.com

2. Marcio Costa de Souza, DEPARTAMENTO DE SAÚDE, e-mail: mcsouza@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: interseccionalidade; HIV/Aids; cuidado em saúde

INTRODUÇÃO

A epidemia de HIV/Aids no Brasil deve ser compreendida para além da dimensão biomédica, considerando os atravessamentos sociais que configuram vulnerabilidades no acesso ao diagnóstico e ao tratamento. Desigualdades raciais, de gênero, sexuais, geográficas e socioeconômicas incidem diretamente sobre o cuidado em saúde, reforçando opressões que recaem sobre corpos mais vulnerabilizados (Oliveira et al., 2024).

Apesar dos avanços terapêuticos, como o acesso à TARV, que contribuiu para a redução da mortalidade em 32,9% nos últimos dez anos, o país registrou 46.495 novos casos em 2023, com aumento de 4,5% em relação ao ano anterior. Desses casos, é possível notar a prevalência de aspectos de raça e sexualidade, 63,2% eram de pessoas autodeclaradas negras e 53,6% dos casos em homens que fazem sexo com homens (HSH) (Brasil, 2024).

Desde os primeiros relatos, em 1981, a infecção foi relacionada a práticas sexuais consideradas desviantes, como homossexualidade e prostituição, perpetuando estigmas e preconceitos que ainda hoje impactam a vida das pessoas que vivem com HIV/Aids (Muniz et al., 2022). Nesse contexto, o diagnóstico e o tratamento não representam apenas questões clínicas, mas também desafios ligados ao convívio social, ao enfrentamento da discriminação e à busca por qualidade de vida (Gomes et al., 2022).

A interseccionalidade surge como ferramenta analítica essencial, pois conecta diferentes eixos de opressão (como gênero, raça e classe) e possibilita compreender como essas desigualdades se articulam na produção de iniquidades em saúde (Collins, 2022; Bello, 2023). Essa perspectiva revela que os sistemas de saúde, muitas vezes, reproduzem desigualdades ao não considerar simultaneamente as múltiplas formas de discriminação, apesar de avanços pontuais nas políticas públicas (Kapilashrami, 2018; Mello, 2010).

Assim, os estigmas interseccionais reforçam exclusões e moldam a experiência de viver com HIV/Aids, fazendo do vírus não apenas uma condição biológica, mas também um marcador social de hierarquias e marginalização (Darmont, 2022). Nessa direção, incorporar a interseccionalidade ao campo da saúde representa um caminho para desconstruir estruturas de opressão e ampliar práticas de cuidado mais justas e sensíveis às múltiplas realidades (Young, 2020).

Este estudo, portanto, busca analisar os impactos da interseccionalidade na produção do cuidado em saúde em pessoas que vivem com HIV/Aids em uma cidade do

Nordeste do Brasil, reconhecendo as múltiplas dimensões que atravessam e moldam suas vivências. De modo específico, busca-se: entender a percepção sobre os efeitos da interseccionalidade no cuidado em saúde em pessoas que vivem com HIV/Aids; e compreender a necessidade do olhar interseccional na produção do cuidado destinado a esse grupo populacional.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Trata-se de um estudo qualitativo, de caráter exploratório, desenvolvido em um serviço de saúde de referência municipal para a atenção especializada a pessoas que vivem com HIV/Aids, outras ISTs e Hepatites Virais em uma cidade do Nordeste do Brasil. Foram incluídos participantes maiores de 18 anos, com diagnóstico de HIV/Aids, em acompanhamento ambulatorial há pelo menos um ano, que apresentavam histórico de dificuldades na manutenção ou abandono do Tratamento Antirretroviral (TARV). Foram excluídos aqueles com outras doenças infectocontagiosas concomitantes. A definição do número de participantes seguiu o critério de saturação das respostas (Fontanella; Ricas; Turato, 2008).

A produção dos dados ocorreu por meio de entrevistas semi estruturadas, guiadas por um roteiro que contemplou: (i) identificação sociodemográfica; (ii) diagnóstico e cuidado em saúde; (iii) itinerários terapêuticos; e (iv) barreiras e enfrentamentos no processo de adoecimento. As entrevistas foram gravadas em dispositivo digital, mediante autorização, e realizadas em ambiente reservado.

O material produzido foi submetido à Análise de Conteúdo temática (Dias; Mishima, 2023), em três etapas: pré-análise, classificação dos dados em núcleos de sentido e categorias temáticas, e análise final, buscando interpretar sentidos e significados das falas em diálogo com a literatura científica. O estudo seguiu as normas éticas da Resolução nº 466/2012 e nº 510/2016, com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado da Bahia (parecer nº 5.991.828, CAAE 54898221.4.0000.0057).

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

A epidemia de HIV/Aids configura-se não apenas como uma questão sanitária, mas como uma epidemia de significados e vulnerabilidades, atravessando múltiplas fragilidades sociais e impactando diretamente o cuidado em saúde. A análise das entrevistas evidenciou núcleos de sentido que demonstram como aspectos interseccionais (raça, gênero, sexualidade e classe) moldam a experiência de viver com HIV/Aids e influenciam a produção do cuidado (Damião et al., 2022; Bejar; Curi, 2024).

Parte da população entrevistada indicam ausência de discriminação explícita, minimiza ou nega os efeitos desses marcadores sociais, o que pode estar associado a estratégias de enfrentamento ou internalização de uma idealização de igualdade. Relatos de entrevistados indicam que, muitas vezes, não percebem discriminação ou não vivenciam maus-tratos, evidenciando uma invisibilização das desigualdades que, quando não reconhecidas, perpetuam barreiras estruturais e simbólicas no cuidado (Gomes et al., 2022; Castro et al., 2025).

Por outro lado, há percepções explícitas de que determinadas identidades, como ser gay ou negro, potencializam a exclusão social, revelando interseccionalidades fragmentadas mas significativas (Collins, 2022; Bello, 2023). Os impactos do estigma e do preconceito se manifestam em constrangimentos, olhares discriminatórios e silenciamento da condição de saúde, reforçando o medo e o isolamento social (Souza et al., 2024; Muniz et al., 2022; Darmont, 2022).

Historicamente, o HIV foi associado à população LGBTQIAPN+ e à sexualidade considerada desviante, perpetuando estigmas e barreiras sociais, evidenciando a necessidade de compreender a doença além da dimensão biológica (Rezende et al., 2025). O patriarcado também atravessa as vivências femininas, impondo culpabilização e desigualdade de gênero, sobretudo em contextos heteronormativos e monogâmicos, reforçando estigmas ligados à promiscuidade e ampliando vulnerabilidades (Bejar; Curi, 2024; Andrade; Iriat, 2015).

Os relatos demonstram que os efeitos da interseccionalidade são concretos e persistentes: ser mulher, negro, pobre ou homossexual amplia o risco de discriminação e impacta diretamente na forma como o cuidado em saúde é ofertado e vivenciado. Esse panorama confirma a necessidade de políticas e práticas de saúde que reconheçam as múltiplas desigualdades simultâneas, enfrentando opressões estruturais e promovendo um cuidado mais equitativo e centrado no sujeito (Rezende; Alves; Pistorello, 2025; Guedes et al., 2025; Mello, 2010; Kapilashrami, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

A pesquisa evidencia que a experiência de viver com HIV/Aids é atravessada por múltiplas vulnerabilidades sociais e estruturais, configurando uma epidemia de significados que impacta diretamente o cuidado em saúde (Damião et al., 2022; Bejar; Curi, 2024). A invisibilização das desigualdades interseccionais compromete a integralidade do cuidado e perpetua estigmas e preconceitos históricos (Gomes et al., 2022; Castro et al., 2025). A perspectiva interseccional permite conectar experiências sociais distintas e revelar as implicações concretas das desigualdades estruturais no cuidado (Collins, 2022; Bello, 2023).

Os relatos dos participantes demonstram que raça, gênero, sexualidade e classe interagem de forma sinérgica, afetando a vivência com HIV/Aids, a busca e a continuidade do cuidado, bem como a qualidade de vida. Reconhecer e integrar a interseccionalidade nas práticas de saúde é essencial para promover equidade, efetividade do cuidado e visibilidade das vulnerabilidades históricas, orientando políticas públicas e estratégias de atenção mais inclusivas e sensíveis às especificidades de cada indivíduo (Oliveira et al., 2024; Gomes et al., 2022; Damião et al., 2022).

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Rosário Gregório; IRIAT, Jorge Alberto Bernstein. Estigma e discriminação: experiências de mulheres HIV positivo nos bairros populares de Maputo, Moçambique. *Cadernos de Saúde Pública* [online]. 2015, v. 31, n. 3 [Acessado 4 Setembro 2025], pp. 565-574. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00019214>.
- BEJAR, J. P.; CURTI, P. L. Interseccionalidade em cena: Mulheres & HIV/AIDS. *Ensino, Saúde e Ambiente*, v. 17, 2024. DOI: <https://doi.org/10.22409/resa2024.v17.a58852>
- BELLO, A. R.. A mulher, a mulher negra e o tempo dos homens: uma breve reflexão interseccional. *Vértices* [Campos dos Goitacazes], v. 25, n. 3, -. e25319298, 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Boletim Epidemiológico HIV/AIDS*. 2024
- CASTRO, Ana Paula Ribeiro; LIMA, Maria Claudia de Freitas; GUIMARÃES, José Maria Ximenes; COELHO, Hercules Pereira; MORAIS, Ana Patrícia Pereira; SMIDERLE, Fabiana Rosa Neves; BEZERRA, Italla Maria Pinheiro; CRUZ, Felipe José Silva Melo. A invisibilidade de viver e conviver com HIV/AIDS em pessoas idosas. *Revista Interagir*, n. 128, p. 21-23, 2025. DOI: <https://doi.org/10.12662/1809-5771ri.128.5099.p21-23.2025>.
- COLLINS, Patricia Hill. *Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica*. 1 ed.- São Paulo: Boitempo, 2022.

DAMIÃO, Jorginete de Jesus; AGOSTINI, Rafael; MAKSUD, Ivia; FILGUEIRAS, Sandra; ROCHA, Fátima; MAIA, Ana Carolina; MELO, Eduardo ALVES. Cuidando de Pessoas Vivendo com HIV/Aids na Atenção Primária à Saúde: nova agenda de enfrentamento de vulnerabilidades?. *Saúde em Debate* [online]. v. 46, n. 132, pp. 163-174. DOI: [://doi.org/10.1590/0103-1104202213211](https://doi.org/10.1590/0103-1104202213211)

DARMONT, M. de Q.R. 'Memórias, Trajetórias e Experiência no Campo do Cuidado às pessoas vivendo com HIV/AIDS: uma Autoetnografia'. 2022 Available at: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/57433>

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R.. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 24, n. 1, p. 17–27, jan. 2008. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008000100003>.

GOMES, M., Barbosa, D. J., Gomes Tosoli, A. M., & Barbosa Assumpção de Souza, F. (2022). Vivenciar e enfrentar o preconceito do HIV no Rio de Janeiro, Brasil. *Journal Health NPEPS*, 7(1), e5878. <https://doi.org/10.30681/252610105878>

GUEDES, Ingrid Victória dos Santos; OLIVEIRA JÚNIOR, Wilson Carlos de; SILVA, Caio Pinheiro da; SILVA, Erick Soares da; SANTOS, Ketilli Janine Teixeira dos; MARQUES, Jeidson Antonio Moraes; SOUZA, Marcio Costa de. Estigmas e Novos Paradigmas dos Profissionais de Saúde no Cuidado da População LGBTQIAPN+ que Sofreram Violência: Uma Revisão de Literatura. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 1282–1298, 2025. DOI: 10.51891/rease.v11i2.18133.

KAPILASHRAMI, A., & Hankivsky, O. Interseccionalidade e por que é importante para a saúde global. *The Lancet*, 391 (10140), 2589–2591, 2018.doi: 10.1016 / s0140-6736 (18) 31431-4.

MELLO , L. Gonçalves E. Differences and intersectionalities: notes for thinking about health practices. *Cronos*, 11 (2), 2010

MUNIZ, C. G., & Brito, C. (2022). O que representa o diagnóstico de HIV/Aids após quatro décadas de epidemia? *Saúde Em Debate*, 46(135), 1093–1106. <https://doi.org/10.1590/0103-1104202213510>

OLIVEIRA, R. A. de et al. Intersectionality of gender, race, social vulnerability and barriers to healthcare access: a study on the lives of people with HIV/AIDS. *Revista de Gestão e Secretariado*, [S. l.], v. 15, n. 3, p. e3559, 2024. <https://doi.org/10.7769/gesec.v15i3.3559>.

REZENDE, Natan de Oliveira; ALVES, Ismael Gonçalves; PISTORELLO, Daniela. O estigma que mata: os discursos sobre HIV/AIDS no jornal O Pasquim (SP) - 1980 a 1990. *Revista Eletrônica História em Reflexão*, [S. l.], v. 21, n. 40, p. 497–520, 2025. DOI: 10.30612/rehr.v21i40.19165.

SOUZA, M. C. de; SERPA, E. D.; SANTOS, D. L. dos; BRITO, T. M.; OLIVEIRA, A. B. das M.; BARBOSA, K. M. G.; SILVA, A. B. B. F. da; SOUZA, J. N.; CARDOSO, T. M. P. B.; MACIEL, R. R. T. B. Vulnerabilidade social, preconceito e discriminação: o cotidiano para quem vive com HIV/AIDS. *Caderno Pedagógico*, [S. l.], v. 21, n. 6, p. e5246 , 2024. DOI: 10.54033/cadpedv21n6-269.

YOUNG. R, Ayiasi. M.R, Shung-King. M ,Morgan. R. Health systems of oppressions: applying intersectionality in health systems to expose hidden inequities. *Health Policy and Planning*, 2020, 1–3 doi: 10.1093/heapol/czaa111.